

## TRABALHO, MIGRAÇÃO E MODOS DE EXISTÊNCIA “NÔMADES”.

Ana Maria de Souza

Centro Universitário Cândido Rondon – UNIRONDON

anamar\_s@terra.com.br

Na década de noventa do século XX configuram-se transformações importantes nas características dos deslocamentos territoriais, assim como do perfil das ocupações de trabalhadores em trânsito no território amazônico e, particularmente no Estado de Mato Grosso. Mediante os registros da imprensa e os relatos orais, esse trabalho propõe problematizar as mudanças ocorridas nos modos de existência desses trabalhadores, entre as décadas de oitenta e noventa do século XX.

Até então, as mobilidades geográficas eram predominantemente direcionadas para as frentes de trabalhos abertas em diversas áreas denominadas de colonização, para as fazendas, agropecuárias, e agroindústrias, áreas de mineração, sobretudo localizadas na parte norte do Estado de Mato Grosso e mesmo considerando outras cidades do território amazônico, no Pará, Tocantins, e outros Estados<sup>1</sup>. A década de noventa do século XX é um momento em que os espaços de colonização em Mato Grosso encontram-se mais consolidados. A urbanização desses espaços (nas últimas duas décadas do século passado foram criados mais de 100 municípios novos) reduz as possibilidades de trabalho para as pessoas que se empregavam, de um modo ou de outro, nas diversas atividades apresentadas nas frentes de trabalho. Dessa forma, provoca ou estimula o aumento do movimento de circulação dos segmentos sociais mais pobres entre as áreas de mineração, de exploração vegetal, das agropecuárias e cidades da Amazônia mato-grossense. Esse estudo focaliza os modos de existência de alguns desses trabalhadores que serão denominados de “trecheiros”.

---

<sup>1</sup> Para uma análise das políticas de reocupação dos espaços no âmbito das políticas do governo ditatorial, ver, entre outros, SKIDMORE, Thomas E. **Brasil de Castelo a Tancredo, 1964-1985**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 287-295. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A Fronteira Amazônica Mato-grossense: grilagem, corrupção e violência**. Tese apresentada no concurso de livre docência da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997. MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997. SANTOS, José V. Tavares dos. **Matuchos: exclusão e luta – do sul para a Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1993. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. “Vira mundo, vira mundo: trajetórias nômades. As cidades na Amazônia – Mato Grosso”. In **Revista de Pós Graduação da PUC**. São Paulo, V. 27, 2003, p. 49-69. GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do Ouro Verde: política e colonização no Brasil contemporâneo**. Cuiabá: UNICEN, 2002.

## OS TRECHEIROS

Nos registros que circulam na imprensa essas práticas nômades aparecem expressas nos discursos do crescimento desordenado da cidade associadas a indisciplinas, à ilegalidade e ao perigo. No entanto, as entrevistas realizadas para esse estudo (com os moradores do viaduto e com o coordenador da casa dos migrantes de Cuiabá) indicam que os modos de existências desses homens e mulheres, adquirem configurações próprias: desestabilizam a lógica da precisão e racionalidade que os planejadores urbanistas, administradores públicos tentam implantar como modelo de funcionamento urbano.

Suas práticas de apropriação dos espaços da cidade, perambulando pelas ruas, dormindo nas praças públicas, embaixo de viadutos ou na rodoviária, são objetos de táticas complexas de sobrevivência. Essas táticas de existência nos espaços da cidade sugerem, também, pensar sobre as "brechas" construídas no sistema de dominação e de controle das instâncias de sociabilidade do espaço urbano. Nesse sentido, é reveladora a forma como esses denominados "trecheiros" utilizam o espaço de passagem, como o viaduto localizado próximo ao terminal rodoviário de Cuiabá<sup>2</sup>, e o transformam num espaço de "moradia". São ações que produzem infiltrações e fissuras na racionalidade urbanística que tenta explicar esses comportamentos sob a ótica da desordem e do caos.

São práticas que apontam para a impossibilidade de se escrever uma história pautada pelo progresso, vinculada a uma percepção evolucionista e linear. Portanto, são modos de existência que requerem um deslocamento analítico que possibilite problematizar as classificações naturalizantes que tentam se institucionalizar como expressão da verdade social.

No caso desse estudo, os relatos orais se constituem em importantes fontes que possibilitam problematizar a aparente coerência da idéia de progresso como referência niveladora das interpretações desses modos de existência.

---

<sup>2</sup> Passarei a me referir apenas como "viaduto da rodoviária".

## PRÁTICAS DE REINVENÇÃO: A SUCATA

Contrastando e compondo a fachada artística do viaduto da rodoviária, expressando uma arte regional (como a manga e o caju), estão os usos não autorizados que se apropriam do lugar e inscrevem ali seus registros de passagem ou de permanência temporária.

Os objetos e o vocabulário usado por essas pessoas em trânsito são bastante eloqüentes: descrevem os registros de sua condição de passagem ou de permanência temporária. Através dos utensílios e produtos da vida cotidiana coexistem sinais que expressam o caráter provisório desses modos de existências: desde os objetos da cozinha, como o fogão, a mesa e as cadeiras até o vocabulário que utilizam em seu cotidiano.

Objetos marcados por usos inumeráveis compõem as redes de estadas provisórias: mochila, rede, colchões, fogão feito de tijolos, mesa improvisada entre um balde e uma tábua, um papelão sobre uma pedra como lugar para se sentar e depois para dormir. Aquilo que é sucata, como restos de madeira, latas de tinta, baldes de óleo, bacias velhas, é reinventado, em função de fins próprios e imediatos. As paredes riscadas com mensagens que indicam a passagem, os amores, os encontros, traçam uma memória da cidade contemporânea, em que se entrecruza a arte “legítima” do artista plástico com uma arte cotidiana do “viver em trânsito”.

Nos relatos, este espaço do viaduto é representado por esses usuários “clandestinos” como um espaço de moradia coletiva, que corresponde a um “sentir-se em casa”.

Pode ter pessoas diferentes aqui, mas a gente já chega e já se integra novamente porque você já conhece o ambiente, você já se sente em casa. Pode ter gente que você nunca viu na vida, mas rapidinho tá todo mundo amigo. É seu ambiente, você se sente em casa né... Faz os amigos na hora e pronto... e assim sucessivamente<sup>3</sup>.

O relato aponta para uma sabedoria adquirida pela experiência de estar em constante deslocamento e que lhe garante um conhecimento do ambiente, como sugere a expressão “a gente se sente em casa”. No entanto, a integração entre pessoas que se

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada com Cláudio, que se designa como “trecheiro”, embaixo do viaduto da rodoviária, em 16/dez./2003.

4

encontram na mesma situação está sujeita a critérios de seletividade e aceitação pelo grupo.

Um outro aspecto que esse relato permite analisar é a dimensão produtiva desses corpos “em trânsito”, como fatores criativos de modos de existência. Nessa perspectiva, os movimentos de indivíduos e grupos sociais, agentes das ocupações das diferentes áreas urbanas, criam e designam novos espaços, estabelecem novos locais de “moradias”, temporárias ou não. Circulando, esses indivíduos e grupos sociais se reapropriam de espaços e constituem-se como sujeitos ativos, constroem um território de afirmação positiva, como por exemplo ao declararem, em relação ao viaduto da rodoviária, que “aqui é nossa casa”. Embora sem a legitimidade oficial, transformam-no num lugar híbrido, meio casa, meio passagem, público e privado. É nesse espaço que clandestinamente se instalam. Quando afirmam, em relação ao viaduto, que “aqui é nossa casa”, apontam para uma transgressão na apropriação do espaço urbano em que a distribuição dos terrenos e residências passa pelo referencial da propriedade privada ou da administração pública. São práticas de apropriação do espaço que dão visibilidade à dinâmica de relações de forças que se estabelecem no corpo social da cidade. Assim, as linhas de fuga, traçadas por essas práticas de ocupações clandestinas dos espaços da cidade, não se configuram como uma recusa vazia à ordem estabelecida, elas constroem um espaço de afirmação positiva.

## **PRÁTICAS DE REINVENÇÃO: AS PALAVRAS**

O vocabulário revela maneiras ou a arte de utilizar as palavras, que variam de acordo com o interlocutor:

“Trecho” é nós que somos trecheiro, então a gente fala “trecho”. Isso na nossa gíria, mas se a gente conversar com uma pessoa diferente, de fora, que não tem nada a ver[...] aí a gente não vai falar trecheiro, porque até o nome não é legal. A gente vai falar assim: olha, nós estamos simplesmente passando por uma dificuldade, estamos de passagem na cidade, estamos dependendo da assistência social, do albergue municipal, e a gente tá realmente numa dependência, se a senhora tiver um saquinho de arroz para ajudar a gente, a gente agradece. Mas entre nós é normal<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada com Cláudio, embaixo do viaduto da rodoviária, em 16/dez./2003.

5

A utilização do termo “trecho” e da designação de “trecheiro” ganha sentido singular na leitura dos próprios protagonistas. Significados que só podem ser apreendidos por quem compartilha da experiência, e não por quem está de “fora”. Produzem para si um vocabulário que funciona como signos de distinção, que marcam a sua condição de estar em trânsito. Ao mesmo tempo, o relato mostra uma esperteza na maneira, ou na arte de se utilizar a linguagem, de se colocar bem as palavras neste ou naquele momento e diante deste ou daquele interlocutor. Sabem que, para o sistema social, constituído com base nas referências sedentárias da moradia e do trabalho, seu modo de existência não possui legitimidade. Assim como não teria legitimidade também, assumirem que são trecheiros e aventureiros. Dessa forma, para dirigir-se às pessoas de “fora” ou “diferentes”, utilizarão o discurso mais eficaz, que é na verdade uma tática de entrar no discurso corrente e fazê-lo funcionar a seu favor.

A partir do ponto de vista dos circuitos formais de organização da cidade os “trecheiros” é que são vistos como estranhos, como os de fora e diferentes. Entretanto, na perspectiva dos próprios “trecheiros”, ao designarem as pessoas de “fora” ou “diferentes”, para caracterizar aqueles que não compartilham os seus modos de vida, invertem o significado da imagem que geralmente é construída sobre sua presença na cidade: não são eles que são “diferentes” ou “de fora”.

Uma das expressões, freqüentemente usadas por eles para contar como conseguem comida, dinheiro, passagens, ou seja, como mantêm a condição de estarem no “trecho”, é: “expliquei a ele minha situação”:

Fiquei em Porto Velho cerca de 40 dias também [...] eu queria viajar. Fui na Igreja Batista em Porto Velho, aí eu conversei com o pastor, eu estava "bebinho", tanto é que eu fiquei no degrau da escada. Mas... a gente conversou bastante depois que acabou o culto, expliquei a ele minha situação. Ele pegou e me comprou uma passagem, eu pedi pra ele, de barco, até Manaus, ali é só via fluvial.

“Expliquei a ele minha situação” adquire o significado tático de entrar no jogo do outro, expressa uma astúcia em usar um discurso que se torna inteligível para a lógica do outro, muitas vezes se apresentando como vítima, uma maneira de conseguir ajuda para viajar.

As entrevistas realizadas mostram um vocabulário singular, criado pela experiência específica desses homens e mulheres que se encontram em constantes

6  
deslocamentos. Como dizem nos relatos: “um idioma criado pelo trecheiro”<sup>5</sup>. Um vocabulário que desterritorializa a transparência e a codificação oficial das palavras e lhes atribui significações singulares, ligadas à prática cotidiana. É desse vocabulário, que também emerge o termo pelo qual se designa “trecheiro: aquele que não pára, que viaja para todo o canto”. E, nesta convivência cotidiana, um repertório de palavras “clandestinas” se esboça: *babosar*, *xarquear*, *manqueador*, *correria*, *homem-terra*, *boca-de-espera*, *viola* etc.<sup>6</sup>

São expressões que não se reduzem a simples palavras, mas a fragmentos de experiências que dão acesso a lógicas sociais e simbólicas desses grupos que circulam pelas cidades da Amazônia. Coexistindo nos interstícios da lógica e ética do trabalho, em que o vínculo com a empregabilidade, o salário e o endereço de residência são referenciais para a aceitabilidade social, as práticas desses homens, mulheres e crianças, que se designam como “trecheiros”, aparecem como delito ou como “atentado” contra a propriedade e a linguagem, enfim, contra as regras de civilidade. Assim, a criação de uma linguagem específica, “um idioma de trecheiro”, pode funcionar como uma forma de burlar as referências desses ordenamentos socialmente instituídos.

É exemplar o relato de Waldir, um dos entrevistados que se encontrava no viaduto da rodoviária. Ele relata as maneiras astuciosas de se lidar com a repressão policial, de que são constantemente alvos. Ele diz:

Em vez de policial investigar peão, peão é que investiga o policial. Porque o peão é mais inteligente que a polícia. É mais inteligente. O peão é. O peão é uma obra do capeta, dona. Quando um policial chega perto de um peão e vai fazer uma pergunta, o peão já sabe o que ele vai perguntar e já sabe até a resposta. O peão é muito inteligente, dona<sup>7</sup>.

Essas capacidades inventivas e inteligentes de se apropriar do discurso policial anunciam maneiras criativas de inverter a aparente fatalidade da ordem estabelecida. Reempregam o discurso policial num sistema de referência particular do “trecheiro”, ou de “peão”. O relato permite dar visibilidade a uma inteligência prática, acionada numa

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada com Waldir, em 22/dez./2003, embaixo do viaduto da rodoviária.

<sup>6</sup> Conforme a relação das expressões apresentada no final do texto.

<sup>7</sup> Entrevista realizada com Waldir em 22/dez./2003, embaixo do viaduto da rodoviária.

7

situação particular, em que se apropriam e alteram as regras de funcionamento da força policial, que representa o espaço opressor por excelência.

Permite, também, reconhecer o uso tático das palavras, dos discursos: fazem dizer outra coisa a partir do que pensava dizer o policial, ou seja, enquanto o policial pensa que está investigando, pelo contrário, está sendo investigado. Ao anunciar que sabe o que a polícia vai perguntar, e já sabe de antemão o que vai responder, estabelece verdadeiras *trampolinagens*,<sup>8</sup> subverte as relações de forças e garante, mesmo que momentaneamente, uma proteção contra a realidade da ordem estabelecida.

Os fragmentos de histórias de vida relatando os modos de existência de quem se encontra “no trecho” são indicadores do poder constitutivo desses fluxos de circulação populacional pelas cidades do Estado de Mato Grosso e, mais particularmente, pela cidade de Cuiabá. Os relatos publicados nos jornais e os relatos orais apresentados sugerem pensar a cidade a partir de uma correlação de forças políticas, atuando entre o discurso da ordem e o discurso da astúcia e da esperteza. Nesse sentido, as reflexões colocadas por Michel de Certeau são inspiradoras de possibilidades que levam a pensar a cidade como o “*teatro de uma guerra de relatos*”, mostrando que os relatos se configuram como poderosos instrumentos políticos na medida em que “fazem crer e agir” (Certeau, 1996, p. 200-201).

Geralmente reduzidos a vítimas pelas instituições, os protagonistas desses modos de existência são vistos como o “outro” negativo do mundo do trabalho. Entretanto, se prestarmos atenção no vocabulário criado para expressarem suas práticas cotidianas e se comunicarem entre si, encontramos indicações de que num ambiente de adversidades, esses homens e mulheres elaboram ricos saberes e técnicas para lidar com a precariedade. Como, por exemplo, a rede de ajuda entre eles: a *intera*, a divisão das atividades entre os que saem para pedir, para buscar comida, os que ficam cuidando do local. Assim como as maneiras de compartilhar as formas coletivas de dormir e de distribuir os alimentos e a bebida. Esse *idioma de trecheiro* é revelador de práticas, de normas e códigos de convivência, que regulam e classificam os comportamentos cotidianos.

---

<sup>8</sup> Para Michel de Certeau, o termo “trampolinagens” está associado às resistências, às práticas de “redistribuição da ordem construída utilizada como manobras entre forças desiguais”, enfim, à “esperteza nos modos de driblar os termos do contrato social”. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1, artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 79.

Essas redes de sociabilidades forjadas nos fluxos de circulação entre aqueles que se encontram “em trânsito”, apontam para táticas de uma economia dos detalhes, em que criam as saídas possíveis, irredutíveis a uma visão assistencialista como, na maioria das vezes, são percebidos e representados na imprensa: aqueles “coitados” que precisam de ajuda.

O vocabulário inventado por esses homens e mulheres é bastante indicador dessas táticas que orientam seu comportamento. Entre as inúmeras palavras “inventadas” para nomear as práticas cotidianas dessas pessoas, a palavra pedir aparece designada a partir de termos como *manguear*, *babosar*, *dar um enxarque ou xarquear*. Associado a isso, a prática de pedir aparece entrecruzada às táticas utilizadas no comportamento cotidiano, conforme relato abaixo, referindo-se aos termos *viola e violinha*:

Viola ou violinha é a pessoa que a gente carrega junto para pedir. Eu já tive várias mulheres como "viola". A gente mente que é casado, mas não é. É só para pedir. É uma mentira sem fazer mal.

Tem cara que se amiga com uma mulher aí, mas só de araque, com uma criancinha, aí aquela criancinha é apelidada de viola, é usada a criança para pedir. Ele faz de conta que ele é marido dela e que aquela criança é filha dele. Então a criança já tem o apelido de "violinha". É verdade (confirma um outro homem que estava chegando) [...] é verdade. Tem cara que nunca viu a mulher, encontra ela e fala: que tal, vamos fazer uma violinha na guria aí.<sup>9</sup>

Neste contexto, as palavras *viola* e *violinha* são desviadas de seu uso comum e entram em outros agenciamentos ligados a esses modos de existências nômades. São expressões que permitem traçar uma cartografia das relações de forças constitutivas da cidade. Jogam com a ordem simbólica das palavras reinventando-as, colocando-as a serviço da invenção de novos agenciamentos sociais, com uma eficácia pragmática para quem vive “no trecho”. Neste horizonte destaca-se a constituição produtiva desses homens e mulheres em sua relação com os modos de vida estáticos (governo, moradia, trabalho, documentos...).

Esses relatos colocam em cena maneiras de viver que se encontram numa relação permanente com o fugaz, com o contingente, com o inesperado, com o provisório. Essas experiências testemunham táticas de combinar e articular a criação de novos códigos de expressão, num campo político irredutível aos administradores ou aos

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada no viaduto da Rodoviária com Waldir, em 18/dez./2003.

9

atores autorizados por um saber instituído. Pensar a cidade a partir dessas formas de produção das relações cotidianas, como agenciamentos de expressões que intervêm diretamente na produção do espaço social, é pensá-la a partir de um jogo de forças que se mobilizam entre os relatos dos quadros institucionais e os relatos de modos de vidas “nômades”, na produção dos espaços sociais da cidade.

### **TRECHEIRO, AVENTUREIRO, TRABALHADOR**

Ao lado da questão da apropriação dos espaços sociais estão em jogo as classificações desses atores sociais e seus modos de existência nômades. Se nos detemos sobre os relatos em que esses homens narram suas experiências, percebemos que não existe uma categoria que permita aglutinar a diversidade de suas práticas. As categorias e palavras empregadas para designar e nomear suas práticas de sobrevivência e apropriação dos espaços delineiam circuitos híbridos: aventureiro, trecheiro, trabalhador, peão.

Colocar em questão as classificações sociais implica inscrevê-las num campo de problematização das identidades sociais. Tiago Themudo e Luiz Orlandi, prefaciando a edição brasileira do livro de Gabriel Tarde, colocam o problema das identidades sociais forjadas pelo pensamento moderno, indagando sobre “como pensar um mundo que foge o tempo todo das identidades que conferimos a ele? Em outros termos: como pensar a diferença, se deixarmos nossa âncora presa a uma identidade” (Themudo; Orlandi, p. 12-13). Tomo essa indagação como inspiração e ponto de partida para pensar a diversidade dos modos de existência desses homens e mulheres que se encontram “no trecho” e as categorias pelas quais aparecem geralmente nomeados. A questão é: como designá-los e elaborar uma categoria de análise que possibilite a construção de um termo que designe o perfil destas pessoas, contemplando a diversidade de seus modos de existência?

Para pensar essas questões, sem no entanto fechá-las, tomo como referência os relatos de dois entrevistados: Sérgio, Cláudio. Ambos se denominam “trecheiros”. No entanto, os relatos indicam que outras categorias sociais relativas a atividades cotidianas atravessam essa denominação. No relato de Cláudio, um dos “trecheiros”, a princípio dois elementos aparecem associados na construção de uma representação

10

explicativa de seus percursos por diferentes cidades da Amazônia: o espírito de aventura e também a busca de trabalho.

Porque a aventura (fala com mais força e denotando um certo orgulho, num discurso inflamado } sempre foi meu mundo {fala batendo no peito). Antes de eu servir a pátria eu já era aventureiro. E ali é um lugar de carreira, ali você tem que estar sempre... você tem seu lazer, lógico, mas eu me sentia muito preso. Por isso que eu pedi a baixa. Eu sou mais aventureiro.

Ao se reconhecer como *aventureiro* ou *trecheiro* está positivando suas práticas de circulação. Certamente não se pode negar que esses deslocamentos são provocados pela imposição de políticas econômicas excludentes e discriminatórias. Mas há algo mais. Esses movimentos indicam, fundamentalmente, um poder de ação: pediu baixa no exército, um lugar de carreira, para ser aventureiro. Ver-se como *aventureiro* significa potencializar a incerteza e a imprecisão e, simultaneamente, significa criar outras alternativas de vida frente às condições sociais que apresentam a ele.

O mesmo depoente, Cláudio, continua relatando seu trajeto e atividades em que a aventura e o trabalho se entrecruzam:

Aí eu fui para Porto Velho. Mas antes de ir para Porto Velho eu parei em Vilhena. Saindo do Mato Grosso, Vilhena é a primeira cidade de Rondônia. Aí... parei em Vilhena, trabalhei uma semana em Vilhena descarregando caminhão. Aí peguei um dinheirinho e fui até Porto Velho. Aí, em Porto Velho, fiquei quarenta dias. Trabalhei alguns dias. Porque eu trabalho com a cultura também. Letras. Sou letrista. Pinto residência, sou pintor de acabamento. Inclusive eu trabalhei dois anos e dois meses na Mercedes Benz em São Bernardo dos Campos. Eu sou pintor industrial e residencial. Sempre aparece um trabalho pra gente e eu fico feliz quando aparece... Eu não disse que minha mão é calejada?

A incerteza e a busca do trabalho é indicadora da imagem de imprevisibilidade que orienta seu comportamento. Percebe-se as referências ao mundo do trabalho pela profissão “letrista” e pela mão calejada. Entretanto, o mesmo relato segue mostrando como o discurso do trabalho entra em outros agenciamentos que fazem entrecruzar a figura do trabalhador sedentário e a figura do aventureiro, ou do “trecheiro”, como se denomina:

Em Manaus fiquei menos, fiquei cerca de vinte e sete dias. Ganhei um dinheirinho e é com esse dinheiro que fui viajar. Fui de Manaus com destino a Parintins, o dinheiro deu para chegar até lá...

Aí, eu desci lá em Parintins, fiquei uma semana lá só, mas eu tinha ainda cerca de uns oito ou nove reais no bolso.

Fiquei uma semana lá... não arrumei nada de trabalho, fiquei duro. Mas eu batia palma na porta das casas, eu batia palma e eu explicava a minha situação, e eu falava que não era dali..., aí o povo me ajudou. Aí eu parei num senhor que tem uma loja de motor de barco e conversei com ele, expliquei minha situação para ele. Aí ele ligou numa agência, marcou e pagou minha passagem de barco de Parintins a Santarém no Pará. Como eu tinha um dinheirinho que ganhei na cidade, pequei aquele dinheirinho e ele me pagou a passagem aí eu viajei.

Fiquei lá cerca de trinta dias em Santarém. Aí de Santarém eu voltei para cá novamente. Aí é a 3ª vez que estou aqui... essa vez estou desde o dia 15 de janeiro. Vim de Santarém.

O fortuito e o incerto funcionam como fatores que impulsionam a continuidade de seus trajetos. A busca de encontrar um trabalho opera como uma referência instituinte do princípio de "não parar em lugar nenhum": Vilhena, Porto Velho, Manaus, Parintins, Santarém, Cuiabá.

As figuras do sedentário com o nômade se entrecruzam de múltiplas maneiras na relação que esses "trecheiros" estabelecem como forma de existência. Produzem um agenciamento com as referências sedentárias do trabalho, como uma tática para manter sua condição nômade de trecheiro. A condição de trecheiro, a princípio, aparece justificada pela busca de trabalho. No entanto, em seu relato, deixa aparecer que não é apenas a busca do trabalho que o leva a percorrer os caminhos que conduzem a diferentes cidades. A trilha da busca pelo trabalho serve de justificativa para a aceitabilidade social de sua condição de "trecheiro". Seu discurso aponta para um entrecruzamento das categorias trabalhadores e trecheiros: a busca do trabalho é utilizada como argumento que sustenta a condição de estar no trecho, de ser "trecheiro". Nesse sentido, exercem atividades provisórias e ganham um "dinheirinho" para continuar a viajar até onde o dinheiro der. Ao sugerir que "vai até onde o dinheiro der", ou que "ganha um dinheirinho e vai viajar", indica uma utilização da representação moderna do trabalho como fonte de legitimidade para ir de um lugar para o outro, enfim, de ser "trecheiro", "aventureiro". Ou seja, o dinheiro ganho é para viajar, para ser "trecheiro", por isso se denomina também como *turista forçado*: "a gente é turista forçado porque a gente não anda quando quer, mas anda quando tem dinheiro, carona, passagem".

12

Existe uma multiplicidade de formas de sobreviver neste mundo do “trecho” que não passa apenas pela relação com o trabalho regular ou mesmo com o trabalho provisório. Nesse sentido, uma outra entrevista realizada com Sérgio, um dos homens que se encontrava no viaduto, é sugestiva de formas de sobrevivência que não passam pela relação com o trabalho. Quando perguntei a ele se trabalha, ou o que faz para sobreviver, respondeu que não trabalha e que pede:

A senhora vai querer a verdade mesmo? Nessas cidades aqui de Mato Grosso eu não trabalho, eu peço. Eu não roubo, eu peço. Trabalhar mesmo eu não trabalho não. Eu chego nas pessoas: oi! me dá uma ajuda aí, um trocado... É uma opção entendeu?

Eu vou lá, dou um enxarque ali... Sabe o que é um enxarque? Enxarcar é chegar e (chuuup... ) pedir um dinheiro, pedir uma ajuda.

Eu vou dou um enxarque, arrumo meu dinheiro e volto, bebo minha cachaça, chego nos camarada, nos irmão aí... e pronto. Mas os cara trabalha, tem uns que trabalha, mas não vou mentir que eu mesmo não trabalho, não. Vou alí, dou uma letra... converso ali e digo: ô, meu amigo, tô jogado no mundo aí, me dá uma força aí..., preciso de uma ajuda... E aí eu vou indo de uma cidade pra outra, de uma cidade pra outra.... e assim vai...

O relato deste homem aponta para outras relações que sustentam a condição de ser trecheiro, isto é, de ir de “uma cidade pra outra, de uma cidade pra outra”. Para o Cláudio, no relato citado anteriormente, ser trecheiro ou “estar no trecho” é uma condição mantida em agenciamento com um caminho de trabalho: vai de uma cidade a outra, e quando o dinheiro acaba pede ajuda ou faz algum trabalho para continuar a viajar até onde o dinheiro der. Para o Sérgio, predomina o princípio de não se submeter às condições de trabalho. Esta não inserção ao mundo do trabalho é positivada pela tática de “pedir uma ajuda”. Quando diz “ô, meu amigo, tô jogado no mundo aí, me dá uma força aí, preciso de uma ajuda”, adquire o sentido positivo de uma prática de quem conhece o discurso que funciona dentro dos referenciais de uma moral burguesa, com base no assistencialismo e no cristianismo. Não é o discurso da vítima, ao contrário, é um discurso ativo, de ação, que o possibilita ir de uma cidade a outra. É, também, um discurso da resistência, da recusa:

O pessoal vê a gente assim jogado e puxa a gente só pra trabalho escravo, trabalho humilhante, não vem um trabalho decente, nada... É só barra pesada. Eu mesmo não vou trabalhar por causa disso. Eu sei de muitas histórias de irmão meu aí ó... que foi trabalhar e tudo e só se fode... O trabalho que rola é só trabalho bruto, só... quando é pago, muitas vezes não pagam não, a gente trabalha uns dia ... a gente não,

porque eu não trabalho. Mas eu sei de história deles aí que trabalham e os caras não pagam.

O gato chega, tem vez que ele é honesto, vai, paga tudo... Mas a maioria das vezes é tudo sacana, é só pra sacanear mesmo. Às vezes pro cara sair do lugar é um problema, a maioria das vezes é um problema pra sair, saí a pé... Rola isso aí direto, por incrível que pareça.

Pergunto se ele já passou por essa situação e ele responde que não:

Não sou bobo, que eu já sei disso, eu não vou nisso aí, mas eu sei que rola. O Cláudio mesmo ali, ó... ficou 20 dias trabalhando num lugar lá... quando chegou era grilo. Aí teve que sair de lá sem receber nada e tal... quantas vezes acontece isso, direto, direto...

Por que será que esses caras tão rico? Eles ganham dinheiro em cima da gente aí... da gente não, porque eu não trabalho graças a Deus. Mas os cara aí é brabo, brabo, brabo, é humilhação total, é o excluído que fala, né...

Esses movimentos de circulação de homens e mulheres pobres, “de cidade em cidade”, podem, também, estar significando a busca pelo trabalho. No entanto, nem sempre isso é verdadeiro. Conforme sugere o relato deste “trecheiro”, o nomadismo e a mobilidade de homens e mulheres pobres pelas cidades de Mato Grosso expressam também uma recusa às condições de trabalho que se apresentam. Indica, sobretudo, um poder de ação contra as horribes condições de exploração e a busca de liberdade e de novas condições de vida.

Ao dizer que sabe de amigos que foram trabalhar e não receberam, ou que a fazenda era *grilo*, o relato aponta para processos sociais mais amplos de exploração do trabalho nas cidades da Amazônia legal. Estudos recentes<sup>10</sup> sobre as relações de trabalho mostram que esses episódios não são eventuais, mas são reveladores de processos sociais que trazem para o cenário das cidades as relações de trabalho escravo existentes nas fazendas de Mato Grosso.

Seguramente esses relatos não representam a multiplicidade de relações que se estabelecem nos setores produtivos. A discussão que se coloca não é negar a condição de trabalhadores, mas não tomá-la como referencial identitário desses homens e

---

<sup>10</sup> Não vou abrir uma discussão sobre o tema do trabalho escravo, já que este mereceria cuidadosa análise. Aponto o trabalho de: CERUTTI, Leandro, **Deslocamento Social e Trabalho temporário: práticas e relatos de trabalhadores em Primavera do Leste –MT**. Universidade Federal de Mato Grosso, PPG-História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004, onde discute as condições de trabalho a que são submetidos esses segmentos sociais na cidade de Primavera do Leste no Estado de Mato Grosso. Cf. também: ESTERCI, Neide. **Escravos da desigualdade**. Um estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje. Rio de Janeiro. CEDI, Koionia, 1994.

14

mulheres, e seus estilos de vida, que se esboçam pela condição de estarem em trânsito. Ou seja, colocar a necessidade de se pensar outras possibilidades que abram caminhos, a fim de apreender a pluralidade de formas de existências produtoras de subjetividades que se constroem, também, fora dos circuitos das relações formais de trabalho.

Longe da constituição de uma unidade, esses relatos apontam para a composição de uma rede de singularidades instáveis que excede a definição teórica, assim como excede também os enquadramentos institucionais (sindicatos, albergues, assistência social, etc). São modos de existências que desafiam os saberes e as categorias preestabelecidas, e exigem a produção de outros “saberes” que se abram ao desconhecido.

### “IDIOMA DE TRECHEIRO”<sup>11</sup>

**AVIÃO:** *aquele que leva uma moeda para comprar a pinga. E se aquele levar uma moeda e não voltar fala “avião quebrou a asa”.*

**AVIÃO QUEBROU A ASA:** *aquele que leva uma moeda para comprar a pinga. E se aquele levar uma moeda e não voltar fala o **avião quebrou a asa**, quer dizer, ele deu calote nos outros”.*

**BABOSAR:** *pedir.*

**BANCA:** *a banca, significa a roda.*

**BATER RECO:** *trabalhar.*

**BOCA DE ESPERA:** *é o seguinte. A gente tá aqui, não tá todo mundo aqui? A gente tá na correria. Por exemplo, todo mundo vai lá pede um dinheiro, comida, pede alguma coisa, traz alguma coisa, traz um cigarro... O cara que não faz isso, que fica só sentado, é o boca de espera. É o que fica no meio da gente assim e não faz nada, não arruma nada. o nego fica lá de braço cruzado só esperando os outros trazer pinga e comida pra ele. Esse aí é o tal do boca de espera.*

**BOROCA:** *é a mochila.*

**CHAMBIRA:** *pinga.*

**CORRERIA:** *é aquele cara que vai atrás da bagunça, vai arruma os barulho e traz... esse é correria. O macaco [refere-se ao companheiro que está sentado ao lado, cujo apelido é macaco] é o correria, o cara que vai atrás das coisas.*

**GALO DE BRIGA:** *é a mochila.*

**HOMEM TERRA:** *é esse que bebe e fica no chão, sem forrar, sem nada...*

**INTERA:** *o cara tem 20 centavos na mão, dá uma intera aí pra comprar uma pinga. Quer dizer intera é o que está faltando.*

---

<sup>11</sup> As definições dos termos estão de acordo com os relatos dos próprios trecheiros. Quando se fez necessário qualquer explicação ou intervenção minha coloquei entre colchetes.

15

**MANGUEADOR:** *é aquele que sai nas casas pedindo comida. uns falam **manguear**, outros falam **xarquear**, isso é um resumo da palavra pedir: **xarquear**, ou dar um **enxarque**, **manguear**, **babosar**, só que é um **idioma criado pelo trecheiro**.*

**MANGUEAR:** *pedir.*

**NÓIA:** *aquele que é usuário de droga.*

**PAPA-TOBA:** *pinga que é feita de alambique.*

**PAPO DE EMA:** *é por exemplo o cara pega um saco, amarra assim, coloca as coisas e bota nas costas. Também pode chamar de **bucho**.*

**PARDAL:** *é aquele que não sai da cidade. É aquele cara assim, a gente anda rodando o mundo pra lá e pra cá. O pardal é aquele cara que para numa cidade e fica só na cidade **xarquendo**, **xarquendo**, **xarquendo**... nunca sai daquela cidade, fica sempre ali. Esse é o pardal. Ele não sai daquela cidade, ele não corre o trecho.*

**PEÃO DA PEDRA:** *que é aqueles que ficam lá na maloquinha tomando cachaça. Põe o nome também de **pedra**, onde tem aquela maloquinha bebendo ali. Aquele localzinho ali, fala **pedra**. Fala " **ó lá uma pedra**".*

**TURISTA FORÇADO:** *viaja de cidade em cidade não como o turista que escolhe a cidade e vai para se divertir.*

**VIOLA/ VIOLINHA:** *É a pessoa que a gente carrega junto para pedir. Eu já tive várias mulheres como "viola". A gente mente que é casado, mas não é. É só para pedir. É uma mentira sem fazer mal.*

[Mais uma coisa importante que eu vou falar para a senhora]: *"tem cara que se amiga com uma mulher aí, mas só de araque, com uma criancinha, aí aquela criancinha é apelidada de **viola**, é usada a criança para pedir. Ele faz de conta que ele é marido dela e que aquela criança é filha dele. Então a criança já tem o apelido de "**violinha**". É verdade [confirma o que estava chegando] ... é verdade. Tem cara que nunca viu a mulher, encontra ela e fala: que tal, vamos fazer uma **violinha** na guria aí...*

**XARQUEAR, OU DAR UM ENXARQUE:** *pedir.*

**BIBLIOGRAFIA:**

16

CERTEAU Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. vol. 1, Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel: **A Invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. volume 2. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CERUTTI, Leandro, **Deslocamento Social e Trabalho temporário**: práticas e relatos de trabalhadores em Primavera do Leste –MT. PPG-História , Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004.

ESTERCI, Neide, **Escravos da desigualdade**. Um estudo sobre o uso repressivo da força de trabalho hoje. Rio de Janeiro: CEDI, Koionia, 1994.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A lenda do Ouro Verde**: Política e colonização no Brasil contemporâneo. Cuiabá: UNICEN, 2002.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. “Vira mundo, vira mundo: trajetórias nômades. As cidades na Amazônia – Mato Grosso”, in **Revista de Pós Graduação da PUC**. São Paulo, V. 27, 2003, p. 49-69.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil de Castelo a Tancredo, 1964-1985**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. **Matuchos: Exclusão e Luta**. Petrópolis: ed. Vozes, 1993.